



# III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



## A CIDADE DO SALVADOR PERCEBIDA NA POESIA DE CAETANO VELOSO

Daisy Guerra Kitaoka<sup>1</sup>  
Francisco Antônio Zorzo<sup>2</sup>

### RESUMO

Várias cidades foram e ainda são retratadas nas músicas do artista baiano Caetano Veloso. Dentre elas a cidade do Salvador que foi escolhida como objeto de estudo deste artigo. O texto apresenta inicialmente um questionamento sobre as formas de representação das cidades e de como se pode avaliar sua complexidade e suas singularidades. Foi escolhido o recurso das fontes artísticas e literárias como forma de percepção das cidades através da poesia de Caetano Veloso. Na tentativa de traduzi-las o poeta trás para o leitor o significado de suas ruas, de suas construções e da labuta do seu povo, além de mostrar os problemas urbanos existentes e os desejos coletivos de sua população. A abordagem da obra de Veloso foi feita apoiada em informações bibliográficas, estudos já realizados sobre o autor e letras de trinta músicas previamente selecionadas. Foram destacadas das letras, referências às cidades e ao urbano que associadas aos fatos históricos e ensinamentos teóricos sobre a questão urbana puderam representar fragmentos das cidades na complexa vida contemporânea. Portanto a partir das músicas selecionadas buscou-se fazer uma cartografia da cidade do Salvador, com base na percepção do artista.

**Palavras-chave:** Caetano Veloso; representações; cidades; cidade do Salvador

---

<sup>1</sup> Graduanda do Bacharelado Interdisciplinar em Artes, área de concentração Estudo das Cidades – IHAC-UFBA. daisykitaoka@gmail.com.

<sup>2</sup> Professor Adjunto do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades - IHAC-UFBA. fazfeira@gmail.com.

## INTRODUÇÃO

O conceito de cidade comumente pode ser entendido tanto como um lugar físico, concreto, enquanto que o urbano se associa a algo mais abstrato, de cunho social ou cultural. Atualmente os termos cidade e urbano, no senso comum, se confundem. Conhecer a cidade exige um estudo devido a sua complexidade, por isso, no presente estudo optamos por pensar a cidade observada na canção popular brasileira.

Apesar das formas de representações gráficas das cidades estarem cada vez mais precisas com a utilização dos recursos tecnológicos existentes (meios digitais, imagens vias satélites) essas representações não captam as singularidades de cada cidade. Segundo Sasachi (apud Duarte, 2008) para se conhecer a cidade com mais profundidade é necessário esta seja experimentada, tocada e sentida tatilmente – o que o autor chamou de tatilidade urbana.

Duarte (2008) propõe a representação através de mapas constituídos a partir de desenhos executados por pessoas que vivenciam o território, como forma de compreender a complexidade e as singularidades da cidade.

Limena (2001, p.9) trata da complexidade das cidades contemporâneas e ressalta a importância das fontes artísticas e literárias para o seu entendimento que: “permitem não apenas captar a ‘imaginação poética’, mas contribuem especialmente para a percepção do imaginário urbano em sentido amplo, isto é, os complexos processos e as múltiplas sociabilidades que a vida cidadina apresenta”.

Para confecção deste artigo foi escolhido o recurso das fontes artísticas e literárias como forma de percepção da cidade, pois conhecer um objeto através do olhar do artista nos permite perceber sua face mais instigante. Nossa escolha recaiu sobre a poesia de Caetano Veloso, não só por ser baiano e contemporâneo, mas porque sua obra tem uma forte temática urbana. Constam nas suas músicas fragmentos da cidade do Salvador, e de várias outras cidades e seus aspectos urbanos: “Amo a palavra cidade. Me sinto um ser urbano” (Veloso, 2003, p.18).

## CAETANO VELOSO: CIDADES E MEMÓRIA

Caetano Emanuel Viana Teles Veloso nasceu em 07 de agosto de 1942, na cidade de Santo Amaro da Purificação, estado da Bahia. Em 1958 foi morar em Salvador, ali permanecendo por sete anos. Estudou filosofia na Universidade Federal da Bahia e participou dos movimentos estudantis da época. Foi um período marcado por greves, protestos, ocupação de faculdades, rompimento com a família e tradição, do Cinema Novo, de Glauber Rocha (Portela, 1979). Nesse período, a capital baiana era uma cidade ainda não industrializada “a cidade do Salvador vivia então um processo muito rico no teatro, no cinema, na música e na dança” (Laurentiz, 2006, p11).

Caetano, Gilberto Gil, Torquato Neto, Capinam e Tom Zé criaram o movimento Tropicalista que durou poucos anos (1967 e 1968), mas revolucionou a música, a poesia e o comportamento dos brasileiros daquela geração. A escolha do nome Tropicália para o movimento foi retirada da exposição de Hélio Oiticica denominada “Ambiente Tropicália” na mostra coletiva “Nova Objetividade Brasileira”, exposta no MAM, no Rio de Janeiro, em 1967. Segundo Calado (1997, p. 297), a intenção dos tropicalistas foi “desafinar o tom hegemônico das canções de protestos e da MPB politizada em meados dos anos 60”.

O Tropicalismo, segundo Portela (1979) foi um movimento de vanguarda que resgatou a música regionalista brasileira e reescreveu a música e a poesia. A partir das misturas de sons, ritmos e do diálogo com outros autores e outras artes, como o teatro, artes plásticas, cinema e aspectos do cotidiano. “Arranjos múltiplos que misturavam arte e vida [...] o ‘baixo’, elevado a condição excelente [...] e o ‘alto’ trazido ao solo comum das coisas mais prosaicas (Ferraz, 2003, p. 19).

A música Tropicália é um exemplo desse movimento e corresponde ao período modernista e do crescimento acentuado das cidades brasileiras. Estão presentes elementos de circulação e transporte: “aviões”, “caminhões”, “movimento”; aspectos da violência urbana: “bang-bang”, “em suas veias corre muito pouco sangue”; e referências as cidades de Brasília, Rio de Janeiro e Salvador, nos versos em que as palavras grifadas remetem ao espaço e a lugares:

[...]Eu inauguro o monumento  
No **planalto central** do país [...]  
Viva a **Bahia**, ia, ia, ia, ia[...]  
Viva **Ipanema**, ma, ma, ma, ma[...]  
Chediak (1994, vol 1)<sup>i</sup>

Em 1968 Caetano Veloso foi preso e exilado pelo regime militar que vigorou nos anos de 1964 à 1985, retornando somente em 1972. Para Portela (1979) foi no período pós-exílio e ainda no regime militar que a poesia de Veloso tornou-se mais rica, nesse sentido mais crítica e mais irônica, utilizando-se até do recurso da paródia para criticar de forma implícita. Caetano disse em 1982, através da música “Ele me deu um beijo na boca”: “a mim bastava que o prefeito desse um jeito na cidade da Bahia”, nesse ano o prefeito de Salvador era Renan Baleeiro (1981 a 1983) eleito pelo voto indireto.

No ano de 1972, o poeta escreveu “Triste Bahia”, uma releitura do poema “À Bahia” de Gregório de Matos. Os versos demonstram o sentimento de tristeza dos dois autores ao reverem a cidade da Bahia. Em ambos poemas há uma personalização da cidade que dialoga com os poetas: “O poeta vê a cidade; a cidade vê o poeta - no presente -, assim como ambos já se reconhecem no passado” (Bosi, 1996, p.96).

Apesar dos poetas vivenciarem a cidade do Salvador em períodos diferentes, o tema abordado pelo poeta barroco permanece na poesia contemporânea. Gregório de Matos encontrou a Bahia transformada pelo mercantilismo: “a máquina mercante [...] transformou a cidade da Bahia e seus moradores”. A Bahia de Caetano Veloso, também, foi transformada por mudanças na economia com base no modelo fordista e pela industrialização da Região Metropolitana de Salvador (período correspondente a implantação do Centro Industrial de Aratu – CIA e do Complexo Petroquímico de Camaçari - COPEC): “O vapor da Cachoeira não navega mais no mar / Triste Recôncavo, oh, quão dessemelhante”

Segundo Portela (1979, p.113) usando outro recurso artístico: “é através da paródia que os textos de Caetano localizam a Bahia e uma série de valores ideológicos até para a propaganda no exterior”. Como na música Atrás do trio elétrico (1977) em que o autor divulga o carnaval da Bahia, maior manifestação popular da cidade, além de fazer referência aos movimentos da cidade no período da festa: “atrás do trio elétrico, só não vai quem já morreu”.

Em 1979, gravou a música Trilhos Urbanos que mostra a cidade de Santo Amaro da Purificação, sua cidade natal, composição com traços de uma cidade imaginária, a partir dos seus sentimentos e lembranças, com a representação de aspectos físicos: “cais de Araújo Pinho”, “Rua da Matriz”, “rio Subaé” e do meio de transporte utilizado na infância, o bonde e o sua movimentação pelas ruas da cidade:

[...] **Bonde** de Trilhos Urbanos  
Vão passado os anos  
E eu não te perdi  
**Meu trabalho é te traduzir**[...]  
Chediak (1994, vol 2, p.114)

Nesse poema , a vivência da cidade mistura o passado e o presente fazendo coexistir várias sensações. Com a mistura de sentimentos o poema recai naquilo que Pesavento reporta a possibilidade da leitura da cidade através do “passado de outras cidades contidas na cidade do presente” (2007, p.4,5). A historiadora define a cidade como produtora de imagens e discursos: a cidade é um fenômeno que se revela pela percepção de emoções e sentimentos dados pelo *viver urbano* e também pela expressão de utopias, de esperanças, de desejos e medos, individuais e coletivos [...] (2007, p.3). No poema (ou na letra) de “Trilhos urbano” acima citado, é bom fixar a imagem do trabalho poético de traduzir a cidade.

São Paulo foi retratada na música Sampa (1978) demonstrando as inquietações diante da maior metrópole brasileira e o estranhamento que a cidade lhe causou ao conhecê-la. Entretanto, de uma forma romântica, Caetano humanizou o concreto e divulgou a cidade. Nessa música a cidade de São Paulo foi personificada e comparada a uma mulher. São apresentados aspectos urbanos, políticos e sociais:

Alguma coisa acontece no meu coração  
que só quando cruzo a **Ipiranga** e a **Avenida São João**  
é que quando eu cheguei por aqui eu nada entendi  
da dura **poesia concreta** de tuas esquinas  
da deselegância discreta de tuas meninas[...]  
**Quando eu te encarei frente a frente não vi o meu rosto[...]**  
**e quem vem de outro sonho feliz de cidade**  
**aprende de pressa a chamar-te de realidade**  
porque és o avesso do avesso do avesso do avesso  
**Do povo oprimido nas filas, nas vilas, favelas**  
**da força da grana que ergue e destrói coisas belas[...]**  
Chediak (1994, vol 2, p.96)

O Rio de Janeiro, também está presente em suas músicas e junto com Salvador são “As cidades maravilhosas/ Cheias de encantos mil” da letra “Deus e o diabo” (1977). Também associa a cidade do Rio de Janeiro a Salvador em “Eu sou neguinha” (1987): “Tava em Madureira, tava na Bahia [...] Eu sou neguinha? [...] Era um trio elétrico, era fantasia/ Escola de samba na televisão”. E a capital carioca está também representada em “Branquinha” (1989): “Branquinha/ Carioca de luz própria”.

Nas criações contemporâneas estão descritas as metrópoles, através dos termos e expressões como: “urbe imensa”, “megacidade”. Na música Aboio (1993) por exemplo apresenta a oposição urbano e rural: “urbe” e “boi”. Mas, vale notar, segundo Caetano (2003), o boi teria uma significação mais ritual do que rural. Em “Cantiga de boi”(2000) essa dualidade e misticismo, também estão presentes: “Meça a cabeça do boi [...] Ó gente, dá-se a cidade [...] Abrigo em mim a cidade/ Cantiga de boi é densa [...] Templo-espago da cidade”.

Em um dos últimos trabalhos, Zii e Zie (2009) foram utilizados recursos da informática com a criação do blog *Obra em progresso* como forma de interação com o público para a confecção do disco. Surge então uma nova atenção atribuída pelas cenas do cotidiano, da problemática brasileira, bem como a subjetividade e experiências do autor, agora associadas às idéias do público.

Segundo Ferraz (2003, p.19) “emprestam à poética de Caetano a dimensão de uma fala que requer algum arranjo capaz de iluminar seus pontos essenciais”. Como que para atender esse pedido de reflexão sobre a cidade, podemos contar com a caracterização de Wisnik (2004, p.16). A cidade pode ser iluminada pela dialética sobre Caetano de que vê a face qualquer coisa e a face jóia: “Qualquer coisa: é o lado das canções que se identifica pela generalidade dos gêneros. Jóia: o lado das canções que se mostra pela singularidade que o movimento da inspiração e do artifício possa criar em cada uma”.

## **ASPECTOS DA CIDADE DE SALVADOR NA POESIA DE CAETANO**

A cidade do Salvador foi percebida e cartografada por Caetano Veloso, o que entendido através das letras de seus poemas. Segundo Laurentis (2006, p.34) “Assim se dá e se encontra nas letras das canções caetanas uma opinião do compositor sobre a sua cidade [...] num discurso livre [...] entendidas pelas imagens codificadas pelas próprias palavras”.

A cidade da Bahia, ou simplesmente, Bahia é referida em suas composições e pelos baianos naturais das cidades do Recôncavo ou de outras regiões. A capital baiana foi chamada sob várias formas por Caetano “chamávamos Salvador de Bahia [...] a cidade de que eu mais gosto no mundo já era querida e conhecida desde a infância” (Veloso, apud Laurentis, 2006, p.156) já na música “Deus e o diabo” (1977) ele a chama de “cidade de São Salvador”.

Na música “Bahia, minha preta” (1993), o autor poetiza a cidade de Salvador e no seu imaginário associa a figura feminina: “Bahia, minha preta” “Rainha do Atlântico Austral”, “Rainha do Atlântico Sul”. Assim como na música “Beira-mar” (1994), a cidade é reverenciada e associada ao cais (porto seguro). Nessa música, também faz referência a Ilha de Itaparica:

De um certo ponto de vista  
De onde só se avista o mar  
E a **Ilha de Itaparica**  
**A Bahia é que é o cais**  
A praia, a beira, a espuma  
**E a Bahia só tem uma**  
Chediak (1994, vol 1)

Apesar de só ter residido em Salvador por alguns anos, Caetano Veloso apresenta uma farta releitura da cidade ao longo do seu trabalho decorrente de sua constante visitação a Salvador. Trataremos agora de outros aspectos retratados em seus poemas, como: a face urbana; meios de transportes; o carnaval baiano; tipos urbanos; personalidades baianas; aspectos culturais; problemas sociais e políticos.

#### 1. A face urbana

A poesia de Caetano Veloso permite ao leitor percorrer a cidade de Salvador e conhecê-la a partir dos seus bairros: “Federação”, “Boca do Rio”, “Curuzu”<sup>3</sup>; “Candeal”, “Largo do Tanque”<sup>4</sup>; Liberdade<sup>5</sup>; de suas ruas e praças: “Rua Chile”, “Praça da Sé”<sup>6</sup>, de suas praias: “Amaralina”, “Ribeira”, “Porto da Barra”<sup>7</sup>; e de vários pontos turísticos. A Praça Castro Alves está presente nas músicas: “Aquele frevo axé” (1998) e “Um frevo novo” (1977). E a poética de Itapuã é mostrada, a partir das suas memórias e das músicas de Dorival Caymmi, contrapondo-se a realidade presente, na música Itapuã (1991).

**Itapuã**, tuas luas cheias, tuas casas feias[...]  
**Itapuã**, tuas lamas, algas, almas que amalgamas[...]  
**Itapuã**, quando tu me faltas, tuas palmas altas  
Mandam um vento a mim, assim: Caymmi  
**Itapuã**, o teu sol me queima e o meu verso teima  
Em cantar teu nome, teu nome sem fim[...]  
Ela foi a minha guia quando eu era alegre e jovem  
(Laurentiz, 2006, p. 265)

---

<sup>3</sup> Palavras retiradas da letra de Caetano Veloso “Beleza Pura”, 1979.

<sup>4</sup> Palavras retiradas da letra de Caetano Veloso “Feitiço”, 2002.

<sup>5</sup> Palavra retirada da letra de Caetano Veloso “Neide Candolina”, 1991.

<sup>6</sup> Palavras retiradas da letra de Caetano Veloso “Deus e o Diabo”, 1977.

<sup>7</sup> Palavras retiradas da letra de Caetano Veloso “Qual é Baiana”, 1971.

Na música “Clever boy samba” Caetano Veloso percorre a cidade de Salvador da década de 1960, da “Rua Chile” ao “Farol da Barra” através da figura do “belo rapaz” em sua “lambreta” e faz referência a loja “Adamastor e ao clube “Iate Clube da Bahia”. Laurentiz (2006) associa o autor ao personagem e a figura do “flaneur”, mesmo que ele transite pela cidade sobre uma lambreta e apesar da definição de flaneur ser: “[...] o andarilho que se expõe e percorre a cidade a esmo e a pé e usa a lentidão do passear como desencadeadora de associações” (Ferrara, apud, Laurentis, 2006, p.137).

## 2. Meios de transportes / Carnaval

O movimento da cidade é retratado através dos meios de transportes: “aviões”, “caminhões”<sup>8</sup>; e “Motos e fuscas” que “avançam os sinais vermelhos”<sup>9</sup>; e do “trio elétrico”<sup>10</sup> que modifica os fluxos da metrópole, atendendo aos desejos coletivos da população. Segundo Zorzo (2011, p.3): “Os fluxos promovem um verdadeiro agenciamento coletivo de necessidades, afetos, demandas e desejos”.

O carnaval, assim como as demais formas de festas populares são manifestações que exprimem os desejos coletivos da população e segundo Rolnik (1995, p.25) é uma forma de desafiar o poder urbano: “Quando o território da opressão vira cenário de festa, é a comunidade urbana que se manifesta como é: com suas divisões, hierarquias e conflitos, assim como suas solidariedades e alianças”.

Além da música *Atrás do trio elétrico* (1977) em que o autor divulga o carnaval da Bahia, muitas outras letras fazem referência ao carnaval de rua de Salvador, do povo baiano, dos trios elétricos, e dos blocos afros: “Aquele frevo axé” (1998), “Muitos carnavais”(1977), “Sim/não” (1981), “Um frevo novo” (1977), “Um índio” (1977), dentre outras. A música “Um índio” apresenta o bloco carnavalesco Filhos de Gandhi: “O axé do afoxé, filhos de Gandhi”, e na música “Sim/não” são apresentados os blocos afros “Badauê” e “Ylê, ayê”.

## 3. Aspectos culturais / tipos urbanos / personalidades baianas

A letra “Beleza Pura” (1979) retrata Salvador tanto nos aspectos físicos: “Curuzu”, “Federação”, “Boca do Rio”, como seus tipos humanos e aspectos culturais: “moça preta do Curuzu”, “moço lindo do Badauê, “filhos de Gandhi” “ilê-aiê”. Segundo Caetano (2003, p.18) essa letra “é uma saudação ao início da ‘tomada’ da cidade do Salvador pelos pretos. Ela sempre foi uma cidade com muitos pretos, mas, até os anos 70, eles ficavam mais ou menos nos seus lugares”.

---

<sup>8</sup> Palavras retiradas da letra de Caetano Veloso “Tropicália”, 1968.

<sup>9</sup> Palavras retiradas da letra de Caetano Veloso “Podres poderes”, 1984

<sup>10</sup> Palavras retiradas da letra de Caetano Veloso “Atrás do trio elétrico”, 1977

As palavras: “Batuque de candomblé”, “Zabé”, “berimbau”<sup>11</sup>; “espada de Ogum”, “Olorum”, “Iansã”<sup>12</sup>; “macumba”, “orixás”, “jeje”, “nagô”<sup>13</sup> representam a influência da cultura africana na formação do povo baiano, aspecto relevante para a cidade baiana. Na música “A verdadeira baiana”(1990) é retratada a mulher baiana e de origem africana:

**A verdadeira baiana** sabe ser falsa  
Salsa, valsa e samba quando quer  
**A verdadeira baiana** é transafricana [... ]  
A verdadeira é baiana, a outra é falsa  
É a falsa falsa, falta pedigree e axé [...]  
**A verdadeira baiana** transmuda o mundo  
Com seu gingado de ceticismo e fê [...]  
(Laurentiz, 2006, p. 229)

Como foi dito antes em letras como “Bahia minha preta” (1993) a Cidade da Bahia é personificada e associada a figura maternal: “Bahia, minha preta[...] Rainha do Atlântico/Te chamo de senhora”. Em outro momento nessa música, são apresentadas várias personalidades baianas: “Edgard [Santos]”, “Menininha do Gantois”, “[mestre] Didi”, “Dodô” e “Osmar” que marcaram a cidade e sua produção cultural, tanto no registro popular como erudito.

#### 4. Problemas sociais e políticos

O artista, munido de uma visão crítica, chama a atenção para os problemas sociais e urbanos e a degradação presente na cidade contemporânea, através das músicas “Podres poderes” (1984), “Vamo comer” (1987), “Neide Candolina” (1991) e “Haiti” (1993). Em “Podres poderes” está retratado o poder hegemônico da classe dominante: “Enquanto os homens exercem seus podres poderes/ Morrer e matar de fome, de raiva e de sede/ São tantas vezes gestos naturais”. Salvador é vista como “suja” na música “Neide Candolina”. E na letra de “Vamo comer” retrata as diferenças sociais e o caos do trânsito brasileiro:

**Baiano burro nasce, cresce**  
**E nunca pára no sinal**  
E quem pára e espera o verde  
É que é chamado de boçal  
**Quando é que em vez de rico**  
**Ou polícia ou mendigo ou pivete**  
**Serei cidadão**  
(Laurentiz, 2006, p. 315)

<sup>11</sup> Palavras retiradas da letra de Caetano Veloso “Feitiço”, 2002.

<sup>12</sup> Palavras retiradas da letra de Caetano Veloso “Os mais doces bárbaros”, 1992.

<sup>13</sup> Palavras retiradas da letra de Caetano Veloso “Sim/não”, 1981.

Na música “Haiti” (1993) são apresentados elementos urbanos de Salvador, de outras cidades e países: “Pelô”, “Leblon”, “São Paulo”, “Caribe”, “Cuba”. Também está presente a relação de transformação histórica. Em “Haiti” Caetano critica a segregação urbana, uma visão da sociedade brasileira que chega à “degradação humana” (Velo, 2003, p.42)

Quando você for convidado pra subir no adro  
Da fundação Casa de Jorge Amado  
Pra ver do alto a fila de soldados, quase todos pretos  
Dando porrada na nuca de malandros pretos  
De ladrões mulatos e outros quase brancos  
Tratados como pretos [...]  
**Como é que pretos, pobres e mulatos**  
**E quase brancos quase pretos de tão pobres são tratados.**  
(Laurentiz, 2006, p. 262).

A segregação urbana que é um grande problema das cidades brasileiras não poderia passar despercebida por Caetano Veloso. Ela é consequência do processo de urbanização brasileira. Maricato (2000) afirma ser uma das causas da segregação urbana a dívida histórica da formação da sociedade brasileira e destaca nesse processo a privatização da terra em 1850 e o trabalho livre em 1888. Segundo Rolnik (2006), entre as décadas de 1940 e 1980, aumentou a concentração populacional urbana brasileira, mantendo-se as características excludentes da população mais carente, que vive em assentamentos irregulares e precários, áreas frágeis e desprovidas de infraestrutura.

A visão crítica do poeta constante das letras acima descrita apresenta um posicionamento pessimista em relação à Salvador, como metrópole contemporânea. Mas na música “Terra” (1978) “Da velha São Salvador” o imaginário do artista adquire uma posição otimista em relação ao futuro da cidade: “Tudo, tudo na Bahia/ Faz a gente querer bem/ A Bahia tem um jeito”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se na obra de Caetano Veloso o dialogismo, a intertextualidade e a polifonia proposta por Bakhtin que exemplifica seu pensamento ao analisar a obra de Shakespeare: “Os tesouros semânticos que Shakespeare incorporou em suas obras foram criados e coletados através do século, ou mesmo milênios; estão ocultos na linguagem [...] nas próprias formas do pensamento” (Bakhtin, apud Stam, 1992, p.74). O poeta se apropria de textos de outros autores clássicos e modernos, como também, os de sua autoria e os recria atribuindo-lhes novos sentidos. Para Portela (1979, p.21) ele “sabe como ninguém fazer conviver o velho e o novo, o arcaico e o moderno, enfim, elementos [...] que sempre fizeram parte do nosso dia-a-dia”.

Tais ensinamentos também foram utilizados por outros para um melhor entendimento das cidades contemporâneas. Antropólogos desenvolveram o método polifônico com base nesses ensinamentos para explicar a cidade e a comunicação urbana, comparando-as “a um coro que canta uma multiplicidade de vozes autônomas que se cruzam, relacionam-se, sobrepõem-se umas às outras, isolam-se ou se contrastam” (Canevacci, apud Sodré, 2006, p.3).

Assim como comparecem na poética de Caetano Veloso, as características das cidades são: a policronia, sobreposição de diversos tempos, onde o passado e o presente se misturam; e a polifonia, a coexistência de várias falas e vários discursos. Tais características fazem com que as cidades se tornem complexas, aonde coexistem várias urbes com vários discursos e singularidades o que pode ser percebido nas músicas do poeta.

A cidade do Salvador foi e ainda permanece cenário e objeto da obra de Caetano Veloso que na tentativa de traduzi-la, trás para o leitor o significado de suas ruas, de suas construções e do seu povo. Além disso, a poética de Caetano Veloso mostra os problemas urbanos existentes e os desejos coletivos de sua população.

É através de suas poesias em forma de música que o discurso do artista atinge muitos ouvidos e as experiências do autor e dos leitores se confundem, possibilitando muitas leituras sobre as cidades, das quais destacamos a cidade da Bahia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CALADO, Carlos. **Tropicália: a história de uma revolução tropical**. São Paulo: Editora 34, 1997.

DUARTE, Fábio. **Cidade, modos de usar: um ensaio sobre leitura** in Paisagem Ambiental, n. 5. São Paulo, 2008.

FERRAZ, Eucanaã. **Cinema falado, poema cantado**. In: Veloso, Caetano. *Letra só; Sobre as letras*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

LIMENA, Maria Margarida Cavalcanti. **Cidades Complexas no Século XXI: ciência, técnica e arte**. São Paulo: São Paulo em Perspectiva 15(3), 2001.

LAURENTIZ, Luiz Carlos de. **Salvador como fato de cultura e comunicação: representações da cidade da Bahia nos produtos, nas imagens e nas linguagens de Caetano Veloso e Lina Bo Bardi**. 2006. 217 f. Tese (doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) — Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, Salvador.

MARICATO, Ermínia. **Urbanismo na periferia do mundo globalizado- Metrôpoles Brasileiras**. São Paulo em Perspectiva, 14(4) 2000.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias**. In: Revista Brasileira de História. Vol27 no. 53, São Paulo, jan./jun. 2007.

PORTELA, Girlene Lima. **Da Tropicália à Marginália: o intertexto (“a que será que se destina?”) na produção de Caetano Veloso**. Feira de Santana: UEFS, 1979.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1995 (Coleção Primeiros Passos, 203).

\_\_\_\_\_, Raquel. **A construção de uma política fundiária e de planejamento urbano para o país: avanços e desafios**. IPEA, 2006.

STAM, Robert. **Bakhtin: da teoria literária a cultura de massa**. Trad. Helena John. São Paulo: Ática, 1992.

SODRÉ, Raquel fontes. **A comunicação na cidade: polifonia e produção de subjetividade no espaço urbano**. XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, UnB, Brasília, 2006.

VELOSO, Caetano. **Letra só; Sobre as letras**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

WISNIK, José Miguel. **Letras, músicas e acordes cifrados**. In: Chediak, Almir. Caetano Veloso. Songbook, vol. 2. Petrópolis: Vozes / Lumiar. 1994.

ZORZO, Francisco Antônio. **Os desejos coletivos e os fluxos da metrópole**. VII ENECULT, UFBA, Salvador, 2011

[www.caetanoveloso.com.br](http://www.caetanoveloso.com.br)

---

<sup>i</sup> Neste artigo os grifos são dos autores